

CHRIS CARTER

Autor bestseller do *Sunday Times*

Uma Mente Perversa

UM DOS POLICIAIS
MAIS ARREPIANTES
DE SEMPRE.



4.7 · Amazon
4.5 · Goodreads

VICIANTE COMO UMA
SÉRIE DE TV

TOP
SEL
LER

Gostaria de dedicar esta obra a todos os leitores que participaram no concurso organizado no Reino Unido para a criação de uma das vítimas deste romance policial, em particular à vencedora, Karen Simpson, de South Wales, que se revelou uma pessoa incrível. Espero que o livro vos agrade a todos.

PARTE I

O HOMEM ERRADO

UM

— BOM DIA, XERIFE. Bom dia, Bobby — saudou-os do outro lado do balcão a empregada morena e roliça, com o pequeno coração tatuado no pulso esquerdo. Ela não precisava de olhar para o relógio pendurado na parede à sua direita. Sabia que pouco passava das seis da manhã.

Todas as quartas-feiras, sem exceção, o xerife Walton e o seu adjunto, Bobby Dale, vinham ao bar-restaurante junto à estrada, logo à saída de Wheatland, no sudoeste do Wyoming, para comerem uma fatia de tarte. Dizia-se que o Nora's Diner fazia as melhores tartes de todo o Wyoming. Havia uma diferente em cada dia da semana. As quartas-feiras eram o dia da tarte de maçã e canela, a preferida do xerife Walton. Ele sabia perfeitamente que a primeira fornada de tartes saía do forno às seis em ponto, e nada superava uma tarte acabada de fazer.

— Bom dia, Beth — respondeu Bobby, sacudindo os pingos da chuva do casaco e das calças. — Só lhe posso dizer que as comportas do inferno se abriram todas lá fora — acrescentou ele, abanando a perna como se acabasse de se urinar.

Os aguaceiros de verão são frequentes a sudoeste do Wyoming, mas o temporal daquela manhã era o pior de que tinham memória naquela estação.

— Bom dia, Beth — cumprimentou também o xerife Walton, tirando o chapéu e enxugando as faces e a testa com um lenço, enquanto olhava rapidamente em redor da sala. Àquela hora da manhã e com a chuva torrencial lá fora, o sítio tinha muito menos movimento do que o habitual. Apenas três das quinze mesas estavam ocupadas.

Um homem e uma mulher com idades à volta dos 25 anos estavam sentados à mesa junto à porta e tomavam um pequeno-almoço à base de panquecas. O xerife deduziu que o velho VW *Golf* prateado estacionado lá fora lhes pertencia.

Logo a seguir, na mesma fiada de mesas, sentava-se um homem enorme, de corpo suado e cabeça rapada, que devia pesar uns 150 quilos, pelo menos. A quantidade de comida que tinha à frente daria à vontade para alimentar duas pessoas esfomeadas, ou talvez três.

O ocupante da última mesa do lado da janela era um homem alto e grisalho, dotado de um bigode em ferradura espesso e um nariz torto. Os antebraços dele estavam cobertos de tatuagens desbotadas. Ele já tinha terminado o pequeno-almoço e recostava-se agora na cadeira, a brincar com um maço de cigarros, com uma expressão pensativa, como se tivesse de tomar uma decisão bastante difícil.

O xerife Walton não tinha qualquer dúvida de que os dois grandes camiões parados no exterior pertenciam àqueles dois indivíduos.

Sentado no extremo do balcão, a tomar um café acompanhado de um dónute com cobertura de chocolate, encontrava-se um indivíduo elegantemente vestido, que aparentava estar na casa dos 40 anos. Tinha o cabelo curto e cuidado, e a barba com um corte moderno e bem aparada. O homem folheava as páginas de um matutino. O *Ford Taurus* azul-escuro estacionado na zona lateral do restaurante só podia ser dele, concluiu o xerife Walton.

— Mesmo a tempo — observou Beth, piscando o olho ao xerife. — Acabaram de sair do forno. — A mulher encolheu ligeiramente os ombros. — Como se o senhor não soubesse...

O aroma adocicado da tarte de maçã acabada de fazer, com um leve toque de canela, já se espalhara por toda a sala.

O xerife Walton sorriu.

— É a dose habitual para os dois, Beth — indicou ele, instalando-se ao balcão.

— Já está a sair — replicou a empregada, desaparecendo em direção à cozinha. Segundos depois, regressava na companhia de duas fatias de tarte extra grandes, a fumar, salpicadas de creme de mel. Naqueles pratos, estava a imagem da perfeição.

— Huum... — O homem sentado ao fundo do balcão levantou o dedo com alguma hesitação, como um miúdo a pedir ao professor autorização para falar. — Sobraram algumas fatias dessa tarte?

— Claro que sim — respondeu Beth, dirigindo-lhe um sorriso.

— Nesse caso, pode trazer-me uma fatia, por favor?

— E uma para mim, também — disse o homem de formas avantajadas, um dos motoristas dos camiões, com a mão no ar. Já lambia os beiços.

— E uma para mim — disse, por seu lado, o homem de bigode em ferradura, voltando a guardar o maço de cigarros no bolso do blusão. — Essa tarte cheira que é um regalo.

— E o sabor é igualmente bom — acrescentou Beth.

— Bom é pouco para o que aqui está — sublinhou o xerife Walton, virando-se, para ficar de frente para as mesas. — Preparem-se para entrar no paraíso das tartes. — De súbito, o homem arregalou os olhos de espanto. — Santo Deus! — exclamou ele por entre dentes, pondo-se de pé de um salto.

A reação do xerife levou Bobby Dale a virar-se repentinamente no seu banco e a seguir o olhar estupefacto de Walton. Através da janela, mesmo ao pé da mesa do casal jovem, avistou os faróis de uma carrinha de caixa aberta a vir naquela direção. A viatura parecia completamente descontrolada.

— Mas que diabo...?! — proferiu Bobby, levantando-se.

No bar-restaurante, todas as pessoas se viraram para a janela e a expressão de choque era idêntica em cada uma. A carrinha precipitava-se em direção a elas como um míssil telecomandado, sem dar sinais de alterar a sua rota ou abrandar. Restavam-lhes dois segundos, ou talvez três, até ao impacto.

— PROTEJAM-SE TODOS! — berrou o xerife Walton, mas nem precisava de o fazer. Movidos pelo instinto, todos estavam já a pôr-se de pé atabalhoadamente para fugir. Àquela velocidade, a carrinha iria chocar contra a frente do restaurante, com o risco provável de não parar e seguir até à cozinha nas traseiras, destruindo tudo à sua passagem e ceifando a vida de quem encontrasse pela frente.

Uma mistura cacofónica de gritos de horror e movimentos inundou a sala. Todos reconheciam que não havia tempo para conseguirem escapar.

CRÁÁÁÁS-BUUM!

O som estrondoso e ensurdecedor parecia uma explosão, levando o chão a estremecer debaixo dos pés.

O xerife Walton foi o primeiro a erguer o olhar. Necessitou de uns segundos para constatar que algo evitara o choque frontal da carrinha com a frente do edifício.

O espanto deu lugar à perplexidade.

— Estão todos bem? — perguntou ele por fim, olhando freneticamente à sua volta.

As respostas murmuradas vindas de cada canto da sala sossegaram-no em relação a isso.

O xerife e o seu adjunto puseram-se imediatamente de pé e correram para a rua. Os outros seguiram-nos quase de imediato. Nos últimos minutos, a chuva tinha-se intensificado e, nesse momento, desabava em bâtegas fortes, reduzindo drasticamente a visibilidade.

Num puro golpe de sorte, a carrinha tinha embatido num grande buraco no pavimento a uns metros dali, guinando drasticamente para a esquerda e falhando a colisão contra o restaurante por pouco mais de meio metro. Ao desviar-se, batera na traseira do *Ford Taurus* azul-escuro até chocar de frente com um anexo dotado de dois lavabos e uma arrecadação, destruindo-o por completo. Afortunadamente, todos os compartimentos estavam desertos.

— Com os diabos! — exclamou o xerife Walton, com o coração a bater descompassado no peito. A colisão transformara a carrinha de caixa aberta numa amálgama de ferros retorcidos e o anexo numa obra a demolir.

Ele foi saltando por cima dos destroços, sendo o primeiro a chegar junto da carrinha. O condutor era o único ocupante. Tratava-se de um homem de cabelo grisalho que deveria ter perto de 60 anos, mas era difícil ter a certeza. O xerife Walton não conseguiu reconhecê-lo, mas estava certo de que nunca vira aquela carrinha em Wheatland. Era uma *Chevy 1500* velha e ferrugenta do início da década de 1990, sem airbags e, embora o condutor tivesse posto o cinto de segurança, o impacto fora demasiado violento. A parte dianteira da carrinha, a par do motor, recuara com o choque, invadindo a cabina do condutor. O painel de instrumentos e o volante tinham esmagado o ocupante contra o banco. O rosto dele estava coberto de sangue, dilacerado pelos estilhaços de vidro do para-brisas. Um deles tinha-lhe golpeado a garganta.

— Que merda! — proferiu o xerife Walton por entre dentes, parado junto à porta do condutor. Não precisava de lhe tomar o pulso para saber que o homem não sobrevivera.

— Oh, meu Deus! — A exclamação trémula de Beth chegou-lhe aos ouvidos a poucos passos de distância. O xerife virou-se imediatamente para ela, levantando as mãos, a impedi-la de avançar.

— Beth, não venha para aqui — ordenou ele num tom firme. — Volte para dentro e deixe-se ficar lá. — O olhar dele incidiu nos clientes do restaurante que se precipitavam para ali. — Voltem todos para

o restaurante. Isto é uma ordem. A partir de agora, esta é uma zona interdita, compreendido?

Todos ficaram imóveis, mas nenhum voltou para trás.

O olhar do xerife desviou-se, à procura do seu adjunto, descobrindo Bobby parado mais atrás, junto ao *Ford Taurus*. A expressão na cara dele era um misto de choque e medo.

— Bobby! — bradou Walton. — Chama uma ambulância e os bombeiros *já!*

Bobby não se mexeu.

— Bobby, vê lá se reages, caramba! Não ouviste o que eu disse? Preciso que pegues já no rádio e chames uma ambulância e os bombeiros.

O adjunto continuava imóvel. Parecia estar prestes a vomitar. Apenas nesse momento, o xerife se apercebeu que Bobby nem estava a olhar para ele ou para a carrinha sinistrada. O olhar dele fixava-se no *Ford Taurus*. Antes de chocar contra o anexo dos lavabos, a carrinha batera no lado esquerdo da traseira do *Taurus* com a força suficiente para fazer abrir a porta da bagageira.

De repente, Bobby despertou da sua inércia e sacou da arma.

— Que ninguém se mexa! — gritou, enquanto ia apontando sucessivamente a arma para cada um dos presentes, com a mão trémula. — Xerife — chamou ele, com a voz alterada. — É melhor vir aqui ver isto.

DOIS

Cinco dias depois.

Huntington Park, Los Angeles, Califórnia.

A RAPARIGA MORENA, de estrutura delicada, que estava na caixa, registou o último artigo e olhou para o jovem parado junto ao balcão.

— São 34,62 dólares, por favor — indicou ela, num tom casual.

O indivíduo acabou de arrumar os produtos nos sacos de plástico antes de lhe entregar o cartão de crédito. Ele não teria mais de 21 anos.

A rapariga da caixa passou o cartão no terminal, esperou uns segundos, mordiscou o lábio interior e, por fim, lançou ao homem um olhar descrente.

— Lamento, mas o cartão foi recusado — informou, devolvendo-lhe o cartão.

O jovem fitou a rapariga como se ela lhe falasse numa língua estranha.

— O quê? — O olhar dele desviou-se para o cartão, fixando-se ali um momento, e regressando à rapariga a seguir. — Deve haver um erro qualquer. Tenho a certeza de que ainda tinha saldo neste cartão. Pode tentar outra vez, por favor?

A rapariga encolheu ligeiramente os ombros e voltou a passar o cartão.

Decorreram uns segundos de tensão.

— Lamento, mas foi recusado mais uma vez — disse ela, entregando-lhe o cartão. — Quer tentar com outro?

Com ar embaraçado, ele pegou no cartão que ela lhe estendia e abanou ligeiramente a cabeça.

— Não tenho outro — disse-lhe, timidamente.

— Cupões de refeição? — sugeriu ela.

Outro abanar de cabeça pesaroso.

A rapariga ficou à espera, enquanto o homem começava a remexer nos bolsos à procura de todo o dinheiro que pudesse encontrar. Conseguiu juntar algumas notas de um dólar, a par de moedas de um quarto de dólar e de 10 cêntimos. Depois de contar rapidamente os trocos, ele parou, lançando à rapariga da caixa um olhar apoloético.

— Desculpe. Faltam-me cerca de 26 dólares. Vou ter de deixar ficar algumas coisas.

A maior parte das compras compunha-se de artigos para bebé: fraldas, alguns boiões de comida, uma lata de leite em pó, uma embalagem de toalhetes e um pequeno tubo de pomada para as assaduras da fralda. O resto eram apenas produtos básicos do dia a dia, pão, leite, ovos, alguns legumes, umas peças de fruta e uma lata de sopa, todos da gama económica. O homem não tocou em nenhum dos produtos para bebé, mas devolveu os restantes.

— Pode ver em quanto fica agora, por favor? — pediu ele à rapariga.

— Deixe estar — disse o homem que estava atrás do jovem na fila. Era alto, com porte atlético, as feições atraentes e bem delineadas, e uns olhos amáveis. O homem entregou à rapariga duas notas de vinte dólares.

Ela ergueu os olhos para ele, sem perceber.

— Eu pago isto — disse-lhe ele com um aceno de cabeça, voltando-se a seguir para o jovem. — Pode voltar a guardar as mercearias. Elas ficam por minha conta.

O jovem fitou-o confuso, sem conseguir proferir uma palavra.

— Deixe estar — disse o homem de novo, lançando-lhe um sorriso caloroso. — Não se preocupe.

— Agradeço-lhe muito — conseguiu o jovem balbuciar finalmente, com a voz embargada e estendendo-lhe a mão, enquanto os seus olhos se humedeciam levemente.

O homem apertou-lhe a mão, dirigindo-lhe um aceno de cabeça animador.

— Esta foi a atitude mais generosa que eu já presenciei aqui — observou a rapariga da caixa depois de o jovem ter pegado nas compras e partido. Também ela tinha os olhos marejados de lágrimas.

O homem alto limitou-se a sorrir-lhe.

— Estou a falar a sério — reiterou ela. — Trabalho na caixa deste supermercado há quase três anos. Já vi muitas pessoas com falta de dinheiro na altura de pagar, e muitas a terem de devolver os produtos, mas nunca vi ninguém que fizesse aquilo que fez.

— Toda a gente precisa de uma pequena ajuda de vez em quando — replicou o homem. — Isso não é vergonha nenhuma. Hoje, eu ajudei-o, e talvez um dia seja ele a ajudar outra pessoa.

A rapariga sorriu, mostrando-se novamente comovida.

— É verdade que todos precisamos de uma pequena ajuda por vezes, mas o problema é que são muito poucos aqueles que querem ajudar. Principalmente, quando isso lhes sai do próprio bolso.

O homem aquiesceu em silêncio.

— Eu já o tinha visto por aqui antes — observou a rapariga da caixa, registando os poucos artigos que o homem tinha trazido. O total era 9,49 dólares.

— Vivo aqui neste bairro — referiu ele, estendendo-lhe uma nota de dez dólares.

A rapariga deteve-se um momento, fitando-o diretamente nos olhos.

— Chamo-me Linda — disse ela, apontando com a cabeça para a placa de identificação e estendendo-lhe a mão.

— Robert — apresentou-se o homem, apertando-lhe a mão. — Prazer em conhecê-la.

— Olhe — disse ela, entregando-lhe o troco —, eu estava a pensar... o meu turno acaba às seis da tarde. Como vive neste bairro, o que acha de tomarmos um café num sítio qualquer?

O homem hesitou um breve momento.

— Isso seria muito agradável — disse ele, por fim. — Mas, infelizmente, parto hoje em viagem. São as minhas primeiras férias em... — Deteve-se e semicerrou os olhos momentaneamente, com ar absorto. — Nem me lembro quando foi a última vez que tive férias.

— Eu sei bem o que é isso — disse ela, parecendo levemente desiludida.

O homem pegou nas suas compras e olhou para a rapariga.

— E se eu lhe ligar quando regressar, daqui a uns dez dias? Nessa altura, talvez possamos tomar um café.

Ela ergueu os olhos para ele, esboçando um pequeno sorriso.

— Teria muito gosto — respondeu, escrevendo rapidamente o seu número de telefone.

Quando o homem saía do supermercado, o telemóvel dele tocou no bolso do casaco.

— Inspetor Robert Hunter, Unidade Especial de Homicídios — respondeu ele.

— Robert, ainda está em L.A.?

Era Barbara Blake, a capitã da Divisão de Assaltos e Homicídios da Polícia de Los Angeles. Fora ela quem, poucos dias antes, ordenara a Hunter e ao seu parceiro, o inspetor Carlos Garcia, que tirassem uma licença de duas semanas, no final de uma investigação árdua e esgotante a um assassino em série.

— Neste momento, sim — respondeu Hunter num tom cético.
— Tenho o voo marcado para esta noite, capitã. Porquê?

— Custa-me muito ter de lhe fazer isto, Robert — disse a capitã, parecendo sinceramente consternada. — Mas preciso de falar consigo no meu gabinete.

— Quando?

— Agora mesmo.

TRÊS

COM O TRÂNSITO DA HORA DE ALMOÇO, Hunter fez o percurso de doze quilómetros entre Huntington e o quartel-general da polícia de Los Angeles, na baixa da cidade, em pouco mais de 45 minutos.

A Divisão de Assaltos e Homicídios, localizada no quinto piso do famoso Edifício Administrativo da Polícia, na West 1st Street, era um espaço aberto, simples e amplo, completamente ocupado com as secretárias dos inspetores, sem divisórias precárias a separá-las, ou linhas idiotas traçadas no chão a delimitar as áreas de trabalho. Aquele sítio parecia e soava como um mercado de rua numa manhã de domingo, fervilhando de movimentos, murmúrios e gritos vindos de cada canto.

O gabinete da capitão Blake ficava no extremo da área ocupada pelos inspetores principais. A porta estava fechada, algo que era habitual devido ao barulho, mas o mesmo acontecia à grande janela interna virada para o espaço aberto, o que era inequivocamente um mau sinal.

Hunter foi avançando devagar, ziguezagueando entre as pessoas e as secretárias.

— Eh, o que diabo fazes tu aqui, Robert? — inquiriu o inspetor Perez, levantando os olhos do ecrã do computador, quando Hunter se encolheu para passar entre a secretária dele e a de Henderson. — Tu não devias estar de férias?

Hunter assentiu com a cabeça.

— E estou. O meu voo está marcado para esta noite. Vou só ter uma pequena conversa com a capitão antes disso.

— *Um voo?* — Perez estava espantado — Isso soa-me a férias de luxo. Para onde vais?

— Para o Havai. É a primeira vez.

Perez sorriu.

— Boa! Não me importava nada de ir para o Havai agora mesmo.

— Queres que te traga um *lei* de flores ou uma camisa havaiana? — ofereceu Hunter.

O colega fez uma careta.

— Não, mas se conseguires trazer uma ou duas bailarinas havaianas na mala, eu agradeço. Elas podiam dançar o *hula* na minha cama à noite. Percebes onde eu quero chegar? — O homem acompanhava cada palavra com um aceno de cabeça.

— Pode-se sempre sonhar — comentou Hunter, divertido com a forma enérgica com que Perez meneava a cabeça.

— Diverte-te por lá, meu.

— Vou fazer por isso — garantiu Hunter, antes de seguir caminho. À porta da capitão, ele deteve-se, com o instinto e a curiosidade a fazê-lo inclinar a cabeça para observar a janela. Nada. O estore era completamente opaco. Hunter deu dois toques na porta.

— Entre. — A voz da capitão Blake soou do outro lado, no seu tom firme habitual.

Hunter abriu a porta e entrou.

O gabinete de Barbara Blake era amplo e bem iluminado. A parede sul estava preenchida por prateleiras repletas de volumes arrumados com cuidado e coordenados pelas cores. Na parede virada a norte via-se uma multiplicidade de fotografias, condecorações e prémios de mérito, igualmente dispostos de forma harmoniosa. Na parede leste, uma janela panorâmica do chão ao teto tinha vista para a South Main Street. Em frente à secretária de executivo da capitão, havia duas cadeiras de cabedal.

A capitão Blake estava de pé, junto à janela panorâmica. O cabelo dela, longo e negro de azeviche, estava preso num coque com um par de pauzinhos de madeira. Ela vestia uma blusa de seda branca enfiada numa elegante saia travada em azul-marinho. Ao seu lado, com uma chávena de café fumegante na mão, e envergando um fato de executiva preto, encontrava-se uma mulher delgada e bastante atraente, que Hunter nunca tinha visto. Loura, com o cabelo liso e longo, e os olhos de um azul intenso, aparentava ter pouco mais de 30 anos. Parecia alguém habituado a enfrentar calmamente qualquer situação que se lhe deparasse, embora a forma como posicionava a cabeça transmitisse uma leve ansiedade.

Quando Hunter entrou na sala, fechando a porta atrás de si, o homem alto e esguio sentado numa das cadeiras e envergando igualmente um fato sóbrio virou-se para o encarar. Embora a idade dele rondasse os 55 anos, os grandes papos debaixo dos olhos e as bochechas flácidas

e carnosas, a lembrar vagamente um cão de caça, faziam-no parecer dez anos mais velho. O leve tufo de cabelo grisalho que ainda conservava estava cuidadosamente penteado para trás, por cima das orelhas.

Apanhado de surpresa, Hunter parou, semicerrando os olhos.

— Viva, Robert — cumprimentou-o o homem, levantando-se. A voz dele, com uma rouquidão natural, agravada pelos hábitos tabágicos, parecia espantosamente forte para alguém que tudo indicava já não dormir há dias.

O olhar fixo de Hunter pairou sobre ele uns segundos, antes de se desviar para a mulher loura, detendo-se finalmente na capitã Blake.

— Lamento que isto tenha acontecido, Robert — disse esta, com uma leve inclinação da cabeça, permitindo-se depois endurecer o olhar ao cravá-lo no homem virado para Hunter. — Eles limitaram-se a aparecer sem avisar há cerca de uma hora. Não houve sequer um maldito telefonema de cortesia — explicou.

— Volto a apresentar as minhas desculpas — disse o homem, num tom calmo, mas autoritário. Estava ali alguém indubitavelmente habituado a mandar e a ver as suas ordens acatadas. — Está com ótimo aspeto — prosseguiu ele, dirigindo-se a Hunter. — Mas, por outro lado, isso é normal em si, Robert.

— Posso dizer o mesmo, Adrian — replicou Hunter sem grande convicção, aproximando-se do homem e apertando-lhe a mão.

Adrian Kennedy era o diretor do Centro Nacional de Análise do Crime Violento (NCAVC¹) do FBI, e da sua Unidade de Ciências Comportamentais, um departamento que fornecia apoio especializado a órgãos nacionais e internacionais responsáveis pela aplicação da lei, no que respeitava à investigação a crimes violentos invulgares ou perpetrados por assassinos em série.

Hunter sabia bem que Adrian Kennedy jamais se deslocava a lugar algum a não ser que o assunto fosse de extrema gravidade. Neste momento, Kennedy geria a maior parte das operações do NCAVC a partir do seu grande gabinete em Washington DC, mas não era um burocrata de carreira. Adrian Kennedy ingressara no FBI ainda muito novo, não demorando a evidenciar fortes capacidades de liderança, aliadas a um talento inato para motivar as pessoas. Isso não passou despercebido e, numa fase inicial da carreira, Kennedy tinha sido convidado a fazer parte

¹ No original, *National Center for the Analysis of Violent Crime*. [N. T.]

da prestigiada equipa de proteção do presidente dos Estados Unidos. Dois anos mais tarde, depois de impedir um atentado à vida do presidente, interpondo-se na trajetória da bala destinada a matar o homem mais poderoso do mundo, recebeu um prêmio de mérito e uma carta de agradecimento do próprio presidente. Poucos anos depois, em junho de 1984, o Centro Nacional de Análise do Crime Violento era oficialmente criado. Era preciso alguém que o coordenasse, alguém que fosse um líder natural. O nome de Adrian Kennedy encontrava-se no topo da lista.

— Apresento-lhe a agente especial Courtney Taylor — disse Kennedy, acenando com a cabeça na direção da mulher loura.

Esta aproximou-se e apertou a mão a Hunter.

— Prazer em conhecê-lo, inspetor Hunter. Ouvi falar muito em si.

A voz de Courtney Taylor era incrivelmente sedutora, com um tom suave e ameninado a mesclar-se com um grau de segurança, de que resultava algo praticamente desarmante. Apesar das mãos delicadas, o aperto de mão dela era firme e eloquente, como o de uma mulher de negócios que acabasse de celebrar um acordo importante.

— Prazer em conhecê-la também — retorquiu Hunter delicadamente. — E espero que aquilo que ouviu não seja muito mau.

Ela dirigiu-lhe um sorriso contido, embora franco.

— Nada do que eu ouvi foi mau.

Hunter virou-se de novo para Kennedy.

— Fico contente por termos conseguido apanhá-lo antes de tirar a sua licença, Robert — disse Kennedy.

Não houve resposta por parte de Hunter.

— Vai para um sítio agradável?

Hunter manteve o seu olhar fixo em Kennedy.

— Isto só pode ser grave — acabou ele por dizer. — Porque eu sei que o Adrian não é o tipo de pessoa para perder tempo com conversa fiada. E também sei que aquilo que eu vou fazer nas férias lhe é perfeitamente indiferente. Por isso, que tal se pusermos essas tretas de lado? Isto tem a ver com o quê, Adrian?

Kennedy fez um compasso de espera, como se precisasse de refletir cuidadosamente sobre o que ia dizer.

— Consigo, Robert. Isto tem a ver consigo.

QUATRO

HUNTER FOCOU POR MOMENTOS a sua atenção na capitão Blake; quando os olhares dos dois se cruzaram, ela encolheu os ombros num modo contrito.

— Eles não me deram grandes pormenores, Robert, mas o pouco que sei diz-me que se trata de algo que lhe interessa. — A capitão regressou à sua secretária. — É melhor ouvir o que eles têm para contar.

Hunter virou-se para Kennedy e ficou à espera.

— Porque não se senta, Robert? — sugeriu Kennedy, indicando-lhe uma das cadeiras.

Hunter não se moveu.

— Eu fico bem de pé, obrigado.

— Café? — ofereceu Kennedy, apontando para a máquina de café da capitão Blake ao canto.

O olhar de Hunter endureceu.

— Então, está bem. — Kennedy ergueu as mãos num gesto de rendição, ao mesmo tempo que dirigia à agente Taylor um aceno de cabeça quase impercetível. — Vamos avançar com isto — disse ele, voltando a sentar-se.

Taylor pousou a sua chávena de café e deu uns passos em frente, posicionando-se ao lado da cadeira de Kennedy.

— OK — começou ela. — Há cinco dias, por voltas das seis da manhã, quando seguia na US Route 87, no sentido sul, um indivíduo de nome John Garner sofreu um ataque cardíaco logo à saída de uma pequena cidade chamada Wheatland, no sudoeste do Wyoming. Como seria de se esperar, perdeu o controlo da carrinha que conduzia.

— Nessa manhã, chovia bastante, e o Sr. Garner era o único ocupante da viatura — acrescentou Kennedy, fazendo sinal a Taylor para ela prosseguir.

— É capaz de já saber isso — continuou ela —, mas a Route 87 estende-se de Montana ao sul do Texas e, conforme acontece na maioria

das estradas nacionais, à exceção dos troços que atravessam zonas minimamente povoadas ou onde o risco de acidentes é mais elevado, não há barreiras de proteção, muros, lancis elevados, ilhas centrais salientes... *nada* que impeça um veículo de sair da estrada e seguir numa multiplicidade de sentidos.

Kennedy interveio de novo.

— O troço que está aqui em causa não se enquadra em áreas minimamente povoadas ou que apresentem um risco de acidente elevado.

— Apenas por uma questão de sorte, ou por falta dela, dependendo da perspetiva — prosseguiu Taylor —, o Sr. Garner teve o ataque cardíaco no momento em que ia a passar ao lado de um bar-restaurante chamado Nora's Diner. Ao perder a consciência, a carrinha despistou-se da estrada, passando por cima de uma pequena zona relvada e precipitando-se na direção do restaurante. De acordo com as testemunhas, o veículo estava em rota de colisão direta com a parte da frente do estabelecimento.

» Àquela hora da manhã, e devido à chuva torrencial, havia apenas dez pessoas no restaurante, sete clientes e os três funcionários. Dois dos clientes eram o xerife local e o seu adjunto. — Taylor deteve-se um momento a clarear a garganta. — Alguma coisa deve ter acontecido no último segundo, porque a carrinha do Sr. Garner mudou drasticamente de direção e faliu o embate no restaurante por uma distância mínima. O relatório pericial do acidente indica que embateu num grande buraco a poucos metros do restaurante e que isso levou o volante a guinar para a esquerda.

— A carrinha foi chocar com uma estrutura anexa onde funcionavam os lavabos — explicou Kennedy. — Se o ataque cardíaco não tivesse acabado com a vida do Sr. Garner, a colisão iria fazê-lo.

— E é aqui que surge a reviravolta na história — disse Taylor, levantando o dedo indicador. — Ao desviar-se do restaurante e ir colidir com o anexo dos lavabos, a carrinha do Sr. Garner bateu na traseira de um *Ford Taurus* azul estacionado ali ao pé. O carro pertencia a um dos clientes do restaurante.

Taylor parou de falar para pegar na sua pasta que deixara em cima da secretária da capitão Blake.

— A força com que a carrinha do Sr. Garner bateu no *Taurus* foi suficiente para levar a porta da bagageira a abrir-se — indicou Kennedy.

— O xerife não reparou nisso — disse Taylor, retomando a palavra. — Ao correr para o exterior, a sua principal preocupação era ver

o que se passava com o condutor da carrinha e os passageiros, caso os houvesse.

Ela introduziu a mão na pasta e retirou de lá uma fotografia a cores com o formato de 20 por 25 centímetros.

— Mas o adjunto dele deu por isso — sublinhou ela. — Ao correr para o exterior, qualquer coisa no interior da bagageira do *Taurus* despertou a sua atenção.

Hunter ficou à espera.

A agente aproximou-se dele, estendendo-lhe a fotografia.

— Isto foi o que ele viu no interior da bagageira.

CINCO

*Academia de Formação Nacional do FBI, Quantico, Virgínia.
A 4236 quilómetros de distância.*

O AGENTE ESPECIAL EDWIN NEWMAN passara os dez minutos anteriores na sala de controlo das celas de detenção, na cave de um dos vários edifícios que compunham o centro nevrálgico da academia do FBI. Havia uma diversidade de monitores do circuito fechado de televisão instalados na parede leste, mas a sua atenção focava-se em exclusivo num único em particular.

Newman não era um dos formandos da academia. Na realidade, era um agente reputado e experiente da Unidade de Ciências Comportamentais, tendo concluído a sua formação há mais de 20 anos. Newman trabalhava em Washington DC e deslocara-se à Virgínia há quatro dias expressamente para interrogar o novo prisioneiro.

— Ele não fez qualquer movimento na última meia hora? — perguntou Newman ao operador da sala, o qual se sentava à grande consola de controlo em frente à parede de monitores.

O operador abanou a cabeça.

— Não, ele só se mexe depois de as luzes serem apagadas. Tal como lhe disse, este tipo é como uma máquina. Nunca vi nada assim. Desde que o trouxeram há quatro noites, mantém a mesma rotina. Dorme de costas, virado para o teto, com as mãos unidas e pousadas sobre o corpo... como um cadáver num caixão. Assim que fecha os olhos, não se move; não revira o corpo, não se volta, não se agita, não se coça, não ressona, não se levanta a meio da noite para urinar, nada. É claro que há alturas em que faz uma expressão assustada, como se não fizesse o raio da ideia do que está aqui a fazer, no entanto, na maioria do tempo, dorme como alguém sem preocupações na vida, envolvido num sono profundo na cama mais confortável que é possível comprar. E eu posso-lhe dizer

— continuou o homem, apontando para o ecrã — que esse não é o caso daquela cama. O que está ali é a merda de uma tábua de madeira desconfortável com um colchão da espessura do papel em cima.

Newman coçou o nariz torto, mas não disse nada.

O operador continuou.

— O relógio interno daquele tipo tem uma precisão suíça. Não estou a brincar consigo. Pode acertar o seu relógio por ele.

— O que quer dizer? — inquiriu Newman.

O operador soltou uma gargalhada nasalada.

— Todas as manhãs, precisamente às 5h45, ele abre os olhos. Sem qualquer alarme, barulho, luzes a acenderem, alguém a chamá-lo, um agente a entrar de rompante na cela para o despertar. Limita-se a fazê-lo sozinho. Às 5h45 exatas... *bingo*... ele está acordado.

Newman sabia que o prisioneiro tinha sido desapossado de todos os seus pertences. Não dispunha de um relógio ou de qualquer outro tipo de instrumento para medir o tempo.

— Assim que abre os olhos — continuou o seu interlocutor —, fica a olhar para o teto durante 95 segundos exatos. Nem um segundo a mais, nem um a menos. Se quiser, pode ver as gravações dos últimos três dias.

Nenhuma reação de Newman.

— Ao fim dos 95 segundos — contou o operador —, levanta-se da cama, faz as suas necessidades na latrina e, de seguida, deita-se no chão e começa a fazer flexões de braços, seguidas de abdominais, em séries de dez exercícios, alternadamente. Se não for interrompido, faz 50 séries com um descanso mínimo entre cada uma, sem gemer, ofegar ou evidenciar esforço, apenas com base na sua determinação. O pequeno-almoço é-lhe trazido entre as 6h30 e as 7h00. Se ainda não terminou os exercícios, continua até acabar, e só então é que se senta e toma a refeição calmamente. E come tudo sem reclamar. Seja qual for a porcaria da mistela que nós pomos naquele tabuleiro. Depois disso, levam-no para o interrogatório. — O homem virou-se, olhando diretamente para Newman. — Deduzo que *o senhor* é o interrogador.

Newman não disse nada, e também não fez qualquer sinal afirmativo ou negativo com a cabeça. Limitou-se a prosseguir a sua observação ao monitor.

O operador encolheu os ombros e prosseguiu o seu relato.

— Quando o trazem de novo para a cela, seja a que horas for, inicia a segunda sessão de exercícios diária, isto é, uma nova série de flexões

de braços e abdominais. — Soltou um riso abafado. — Se já lhes perdeu a conta, isto corresponde a mil de cada por dia. Quando acaba, se não voltar a ser levado para mais interrogatórios, faz exatamente aquilo que nós estamos a ver no ecrã: senta-se na cama, cruza as pernas, fita a parede vazia à sua frente, e medita, acho eu, ou reza, ou outra coisa qualquer. Mas nunca fecha os olhos. E deixe-me dizer-lhe que é esquisito à brava o modo como olha para aquela parede.

— Por quanto tempo? — quis saber Newman.

— Depende — respondeu-lhe o outro. — Ele tem direito a tomar um duche diário, só que a hora do duche dos prisioneiros varia de dia para dia. Sabe como as coisas são. Se o formos buscar quando está a olhar para a parede, limita-se a despertar bruscamente do seu transe, a sair da cama, a deixar que lhe ponham as correntes nos pés e a ir para o balneário, sem resmungos, protestos ou resistência. Ao voltar, regressa à mesma posição em cima da cama, e fica de novo a olhar fixamente para a parede. Se não for interrompido, permanece assim até as luzes se apagarem às 21h30.

Newman assentiu com a cabeça.

— Mas ontem, só por uma questão de curiosidade, conservaram as luzes acesas mais cinco minutos — referiu o operador.

— Deixe-me adivinhar — pediu Newman. — Isso não fez qualquer diferença. Às 21h30 em ponto, ele deitou-se, voltou à sua posição de «cadáver dentro de um caixão» e adormeceu, independentemente de as luzes estarem apagadas ou não.

— Acertou — disse o operador. — É o que eu lhe disse, ele funciona como uma máquina, com um relógio interno dotado de precisão suíça. — O homem parou de falar, virando-se para Newman. — Não sou um especialista na matéria, mas aquilo que presenciei nas últimas quatro noites e quatro dias leva-me a afirmar que, mentalmente, aquele tipo é uma fortaleza.

Newman não fez qualquer comentário.

— Eu não quero ser intrometido, mas... ele chegou a dizer alguma coisa durante os interrogatórios?

Newman ponderou a questão por um longo momento.

— Pergunto isso porque eu conheço as regras. Se um prisioneiro especial como este continua calado após três dias de interrogatório, é nessa altura que o tratamento VIP começa, e todos sabemos o grau de dureza a que ele pode chegar. — O operador olhou para o seu relógio,

instintivamente. — Bom, já passaram três dias e, se o tratamento VIP estivesse para arrancar, eu já o saberia neste momento. Por isso, só posso calcular que falou.

Newman observou o ecrã mais uns segundos, antes de assentir uma vez com a cabeça.

— Ele falou pela primeira vez ontem à noite. — Por fim, o agente desviou o olhar do monitor na parede e voltou a encarar o operador da sala. — Disse sete palavras.

SEIS

AO OBSERVAR A FOTOGRAFIA que a agente especial Courtney Taylor lhe entregara, Hunter sentiu o batimento cardíaco a acelerar no seu peito, e uma descarga de adrenalina a invadir-lhe o corpo. Vários segundos decorreram até o seu olhar se desviar finalmente da fotografia e fixar-se na capitão Blake.

— Já tinha visto isto? — perguntou-lhe.

Ela confirmou-o com um aceno de cabeça.

O olhar de Hunter regressou à fotografia.

— É evidente — interveio Kennedy, levantando-se — que a carrinha do Sr. Garner atingiu a traseira do *Ford Taurus* com a força suficiente não só para soltar a porta da bagageira, mas também para levar a caixa frigorífico a virar-se.

A fotografia mostrava uma caixa frigorífica de tamanho familiar, própria para levar para um piquenique, virada de lado no interior da bagageira do *Taurus*. Uma grande quantidade de cubos de gelo tinha-se derramado e espalhado em várias direções. A sua maior parte estava tingida de carmesim, no que apenas poderia tratar-se de sangue. Mas esse era apenas um aspeto secundário. A atenção de Hunter estava exclusivamente concentrada em algo completamente diferente, nas duas cabeças decepadas que estariam preservadas naquele contentor, com toda a certeza, até este ser derrubado pela colisão. Ambas as cabeças eram femininas, tendo uma delas o cabelo louro, ligeiramente comprido, e a outra, o cabelo escuro com um corte curto, estilo *pixie*. Uma e outra tinham sido extirpadas do corpo pela base do pescoço. Por aquilo que lhe era dado ver, Hunter constatava que o corte era escorreito, feito por mãos experientes.

A cabeça da mulher loura estava virada de lado, assentando sobre a face esquerda, com o rosto oculto na sua maior parte pelo cabelo longo. A cabeça da mulher morena, por outro lado, ao rolar para fora do contentor, imobilizara-se com a parte de trás assente no chão da bagageira,

amparada por uns cubos de gelo, o que deixava ver claramente as suas feições. Era isso o que deixara Hunter de respiração suspensa. Os danos infligidos ao rosto eram mais chocantes do que a própria decapitação.

Em intervalos irregulares, três pequenos cadeados em metal cravavam-se nos lábios de um modo cruel e selvático, mantendo-lhe a boca fechada, mas não completamente selada. Os lábios delicados, incrustados de sangue, ainda estavam inchados, evidenciando que os cadeados lhe tinham sulcado a carne ainda em vida. Os olhos dela tinham sido removidos. As órbitas dos olhos vazias não eram mais do que dois buracos negros empapados de sangue seco, o qual lhe escorrera ainda pelas faces, criando-lhe o efeito sinistro dos raios de uma trovoada em vermelho-escuro.

Embora a pele dela não parecesse ser a de uma mulher idosa, adivinhar a sua idade apenas com base naquela imagem seria quase impossível.

— Esta fotografia foi tirada pelo xerife Walton poucos minutos depois do acidente — indicou Kennedy, aproximando-se de Hunter e parando junto dele. — Conforme a agente Taylor mencionou, ele estava a tomar o pequeno-almoço naquele bar-restaurant nessa manhã. Nada foi tocado. O xerife agiu com celeridade, tendo a noção de que a chuva iria começar a destruir as provas muito depressa.

Taylor introduziu de novo a mão na sua pasta e retirou uma nova fotografia que passou a Hunter.

— Esta foi tirada pela equipa de peritos forenses — informou ela. — Deslocaram-se para lá a partir de Cheyenne, que fica sensivelmente a uma hora de distância, contudo, com o tempo de demora para reunir todos os elementos e iniciar a viagem, a equipa apenas chegou lá quatro horas depois do acidente.

Nesta nova fotografia, as cabeças tinham sido colocadas lado a lado, com a cara virada para cima, ainda dentro da bagageira. A mulher loura apresentava exatamente as mesmas lesões da morena. E, do mesmo modo, calcular a sua idade seria praticamente impossível.

— Os olhos delas estavam no interior da caixa? — inquiriu Hunter, com a sua atenção sempre concentrada na fotografia.

— Não — respondeu Taylor. — Não havia mais nada dentro da caixa frigorífica. — Ela olhou para Kennedy, e depois fitou Hunter novamente. — E não fazemos ideia do sítio onde os corpos estarão.

— E isto não é tudo — afirmou Kennedy.

O olhar de Hunter desviou-se da fotografia para se fixar no homem do FBI.

— Assim que se extraíram os cadeados dos lábios — explicou ele, inclinando a cabeça para a fotografia —, verificou-se que os dentes de ambas tinham sido arrancados. — Fez uma pausa, criando algum suspense. — E as línguas foram-lhes cortadas.

Hunter permaneceu em silêncio.

— Uma vez que não dispomos dos corpos — referiu Taylor, tomando de novo a palavra —, e nenhuma impressão digital em consequência disso, poder-se-ia argumentar que o perpetrador removeu os dentes e os olhos, possivelmente, para evitar a sua identificação. No entanto, a extrema brutalidade dos danos infligidos a ambas as vítimas... — ela fez uma pausa, levantando o indicador direito a sublinhar este ponto... — *antes da sua morte*, diz-nos o contrário. Quem quer que as matou, teve prazer em fazê-lo. — Proferiu as últimas palavras como se acabasse de revelar uma grande descoberta. Aquilo soou ligeiramente condescendente.

Kennedy fez uma cara de poucos amigos, lançando em simultâneo um olhar severo a Taylor. Sabia que ela não tinha dito nada que qualquer das pessoas presentes na sala não soubesse já. Mesmo não fazendo parte do Centro Nacional de Análise do Crime Violento do FBI, ou da Unidade de Ciências Comportamentais, Robert Hunter era o melhor psicólogo criminal que ele já tinha encontrado. Kennedy tentara recrutá-lo para o FBI pela primeira vez, muitos anos antes, ao ler a tese de doutoramento de Hunter, *Estudo Avançado de Psicologia sobre a Conduta Criminal*. Na altura, Hunter contava apenas 23 anos.

Aquela dissertação impressionara de tal forma Kennedy e o diretor do FBI da altura, que passara a ser uma das leituras obrigatórias do NCAVC, algo que se mantinha até ao presente. Desde então, e ao longo de vários anos, Kennedy tentara diversas vezes recrutar Hunter para a sua equipa. Na perspetiva dele, não fazia sentido que Hunter preferisse ser um inspetor da Unidade Especial de Homicídios da polícia de Los Angeles a ingressar na mais avançada força de investigação a assassínios em série dos Estados Unidos, e possivelmente do mundo. É óbvio que ele sabia que Hunter era o inspetor principal da Unidade de Crimes Ultraviolentos, um departamento criado pela polícia de L.A. para investigar casos de assassinios em série e homicídios em que o perpetrador recorria a brutalidade e/ou a sadismo extremos, e Hunter era o melhor nesse tipo de ação, algo que o seu histórico de detenções tornava evidente.

Ainda assim, o FBI podia oferecer-lhe muito mais do que a polícia de Los Angeles. Hunter, no entanto, jamais mostrara o mais pequeno interesse em tornar-se um agente federal, declinando todos os convites que Kennedy e os seus superiores lhe tinham feito.

— Um caso interessante — comentou Hunter, devolvendo as fotografias a Taylor. — Mas o FBI e o NCAVC já investigaram um monte de casos semelhantes... até mais perturbadores. Isto não é exatamente uma novidade.

Nem Kennedy nem Taylor discordavam desse facto.

— Presumo que não têm a identidade de nenhuma das vítimas — alvitrou Hunter.

— É verdade — confirmou Kennedy.

— E dizem-me que as cabeças foram encontradas no Wyoming?

— Também é verdade.

— É provável que saibam qual vai ser a minha próxima questão, certo? — continuou Hunter.

Um segundo de hesitação.

— Se nós não sabemos quem são as vítimas — disse Taylor, fazendo-lhe um sinal afirmativo — e as cabeças foram encontradas no Wyoming, o que estamos nós a fazer em Los Angeles?

— E porque estou eu aqui? — acrescentou Hunter, olhando rapidamente para o relógio. — Tenho um avião para apanhar daqui a poucas horas, e ainda preciso de fazer a mala.

— Nós estamos aqui, e o inspetor está aqui, porque o governo federal dos Estados Unidos precisa da sua ajuda — replicou Taylor.

— Ah, por favor — interveio a capitão Blake, com um sorriso afetado nos lábios. — Agora, vai impingir-nos essa treta do discurso patriota? Está a falar a sério? — Ela levantou-se. — Os meus inspetores arriscam a sua vida pela cidade de Los Angeles e, conseqüentemente, pelo país, todos os dias. Por isso, faça-me um favor e não entre sequer por aí, minha querida. — Barbara cravou um olhar em Taylor, capaz de fundir metal. — Essas tretas costumam realmente funcionar com as pessoas?

Taylor pareceu fazer menção de responder, mas Hunter antecipou-se:

— Precisam de mim? Porquê? — Dirigiu-se diretamente a Kennedy. — Eu não sou um agente do FBI, e vocês têm mais investigadores do que sequer imaginam, para não falar de um destacamento de psicólogos criminais.

— Nenhum deles é tão bom como o Robert — disse Kennedy.

— A lisonja não o vai levar a lugar nenhum — avisou a capitão Blake.

— Eu não sou um psicólogo criminal, Adrian — refutou Hunter.

— Sabe isso.

— Não é exatamente por essa razão que nós precisamos de si, Robert

— afirmou Kennedy, e depois de uma pausa momentânea, fez um sinal a Taylor. — Explique-lhe.

SETE

O TOM UTILIZADO POR KENNEDY levou a sobrancelha direita de Hunter a arquear-se, apenas ligeiramente. Ele virou-se e olhou para a agente Taylor, ficando à espera.

Taylor prendeu o cabelo atrás das orelhas com as pontas dos dedos, antes de começar.

— O *Ford Taurus* pertencia a um dos clientes que tomavam o pequeno-almoço no bar-restaurante naquela manhã. De acordo com a carta de condução dele, o homem chama-se Liam Shaw, e nasceu a 13 de fevereiro de 1968, em Madison, no Tennessee. — Ela parou de falar para observar Hunter um segundo, tentando descortinar algum sinal de que o nome lhe era familiar. Não distinguiu nenhum.

— De acordo com a carta de condução dele? — questionou Hunter, com o seu olhar a oscilar entre Taylor e Kennedy. — Nesse caso, vocês têm dúvidas. — Fazia uma constatação, não uma pergunta.

— O nome é real — referiu Kennedy. — Tudo parece estar em ordem.

— Mas vocês ainda têm dúvidas — insistiu Hunter.

Coube à agente Taylor intervir desta vez.

— O problema é que tudo parece estar em ordem se recuarmos até um máximo de 14 anos. Para além disso... — Ela abanou delicadamente a cabeça. — Não conseguimos encontrar absolutamente nada sobre um Liam Shaw, nascido a 13 de fevereiro de 1968, em Madison, no Tennessee. É como se ele não tivesse existido até então.

— E a avaliar pela maneira como me observava quando referiu o nome — replicou Hunter —, está a ver se ele me diz alguma coisa. Porquê?

Taylor pareceu ficar impressionada. Desde sempre, ela tivera orgulho na sua expressão impenetrável, na forma como conseguia analisar alguém sem a pessoa se aperceber, mas Hunter decifrara-lhe o pensamento.

Kennedy mostrou um sorriso.

— Eu disse-lhe que ele era bom.

Taylor pareceu não dar pelo comentário.

— O Sr. Shaw foi detido imediatamente pelo xerife Walton e o seu adjunto — disse ela. — Não obstante, o xerife Walton também compreendeu rapidamente que tinha à sua frente algo que ele e o seu pequeno departamento não podiam resolver. A matrícula do automóvel era de Montana, o que estabelecia uma ligação interestadual. Perante isso, não restou outra opção ao departamento do xerife do Wyoming senão chamar-nos.

Taylor parou para vasculhar o conteúdo da sua pasta, extraindo de lá um novo documento.

— Agora, temos aqui uma segunda reviravolta nesta história — anunciou ela. — O *Taurus* não está registado em nome do Sr. Shaw. O nome que consta no registo é John Williams, da cidade de Nova Iorque.

Taylor entregou o documento a Hunter.

Hunter mal pôs os olhos na folha de papel que tinha na mão.

— Surpresa, surpresa... — proferiu Kennedy. — Não havia nenhum John Williams na morada que consta no registo do automóvel.

— John Williams é um nome bastante vulgar — observou Hunter.

— Demasiado vulgar — concordou Taylor. — Só na cidade de Nova Iorque, existem cerca de 15 mil.

— Mas vocês têm o Sr. Shaw sob custódia, certo? — perguntou Hunter.

— Exatamente — confirmou Taylor.

Hunter olhou para a capitão Blake, ainda um pouco confuso.

— Portanto, têm o Sr. Shaw, que se supõe ser do Tennessee, duas cabeças de mulher sem identificação, e um veículo com a matrícula de Montana, que está registado em nome de um Sr. Williams da cidade de Nova Iorque. — Encolheu os ombros, olhando para os presentes na sala. — A minha pergunta inicial mantém-se. Porque vieram a L.A.? E porque estou eu aqui e não em minha casa a fazer as malas? — Hunter voltou a consultar o seu relógio.

— Porque o Sr. Shaw não está a falar — respondeu Taylor, mantendo o seu tom de voz calmo.

Hunter olhou-a fixamente por uns segundos.

— E como é que isso responde à minha pergunta?

Kennedy interveio.

— A afirmação da agente Taylor não é totalmente exata — disse ele. — O Sr. Shaw está sob a nossa custódia há quatro dias. Ele foi-nos entregue um dia depois de ser detido e encontra-se em Quantico neste momento. Eu destaquei a agente Taylor e o agente Newman para este caso.

O olhar de Hunter desviou-se para Taylor, por um segundo apenas.

— Mas, tal como a agente Taylor disse... — continuou Kennedy —... o Sr. Shaw tem-se recusado a falar.

— E então? — interrompeu a capitão Blake, com ar levemente divertido. — Desde quando é que isso impediu o FBI de extrair informações de alguém?

Kennedy não se deixou afetar por aquele comentário mordaz.

— Durante o interrogatório de ontem à noite — continuou ele —, o Sr. Shaw falou finalmente pela primeira vez. — Parou e avançou até à grande janela na parede leste. — Ele proferiu sete palavras apenas. Hunter ficou à espera.

— Ele disse: «*Eu só falo com o Robert Hunter.*»

OITO

HUNTER PERMANECEU IMÓVEL. Não pestanejou sequer. A sua expressão facial manteve-se inalterada. Se as palavras de Kennedy o tinham afetado de alguma maneira, não dava sinais disso.

— Tenho a certeza de que não sou o único Robert Hunter na América — acabou por dizer.

— É claro que não — concordou Kennedy. — Mas também temos a certeza de que o Sr. Shaw se referia ao Robert e não a outra pessoa.

— Como podem ter a certeza?

— Por causa do tom da voz dele — esclareceu Kennedy. — E a posição do corpo, a confiança, a atitude... tudo o que lhe dizia respeito, na verdade. Nós analisámos as imagens inúmeras vezes. Conhece o nosso trabalho, Robert. Sabe que eu tenho pessoas treinadas em interpretar o mais leve sinal indicador, em detetar a mínima mudança na entoação da voz, em identificar os sinais da linguagem corporal. Aquele indivíduo era seguro. Não hesitava. Não tremia. Nada. Ele estava certo de que nós sabíamos a quem se referia.

— Pode visualizar a gravação, se desejar — ofereceu Taylor. — Eu tenho uma cópia aqui. — Ela apontava para a sua pasta.

Hunter permaneceu em silêncio.

— Foi essa razão que nos levou a pensar que talvez reconhecesse o nome — disse Kennedy. — Mas, por outro lado, nós tínhamos as nossas suspeitas de que Liam Shaw era um nome fictício.

— Já experimentaram procurar no Tennessee, de onde este Sr. Liam Shaw parece ser originário? — inquiriu a capitão Blake. — Pode haver lá um Robert Hunter, num sítio qualquer.

— Não, não experimentámos — indicou Taylor. — Não era preciso. Como o diretor Kennedy referiu, o Sr. Shaw estava bastante seguro. Ele sabia que nós não íamos demorar muito a descobrir quem era exatamente a pessoa que ele referia.

Kennedy interveio de novo.

— Assim que ouvi o nome, percebi que só podia estar a falar de uma pessoa. De si, Robert.

— Tem a gravação? — perguntou Hunter.

— Tenho — confirmou Taylor. — E também tenho uma fotografia do Sr. Shaw. — Retirou uma última fotografia da pasta e passou-a a Hunter.

Hunter observou a fotografia durante um momento longo e silencioso. Mais uma vez, nem a sua expressão facial, nem a linguagem corporal, revelaram alguma coisa. Até ele inspirar profundamente e o seu olhar ir ao encontro do de Kennedy.

— Não pode ser...

NOVE

O HOMEM QUE SE DIZIA CHAMAR LIAM SHAW estava sentado na cama da sua pequena cela, situada num nível bastante abaixo do subsolo, o quinto, de um edifício característico do complexo da academia do FBI, em Quantico, na Virgínia. Tinha as pernas cruzadas debaixo do corpo e as mãos displicentemente unidas sobre o colo. Os olhos estavam abertos, mas absolutamente imóveis, havendo neles somente uma expressão apática dirigida à parede despida à sua frente, onde se misturava a incerteza e receio. Na verdade, não emanava dele qualquer tipo de movimento. Nenhum leve meneio da cabeça, nenhuma contração dos dedos, nenhum leve reajuste das pernas, nenhuma torção ou balanço do corpo, nada, à exceção da inevitável reação motora do piscar os olhos.

Ele estava assim há uma hora, fitando apenas aquela parede, como se olhar para ela o tempo suficiente o levasse a ser magicamente teletransportado para outro lugar. As pernas já deviam estar cheias de câibras, os pés estariam a latejar com a sensação de um milhar de alfinetadas e o pescoço hirto estaria hirto com a falta de movimento. No entanto, aparentava sentir-se tão confortável e descontraído como se estivesse instalado numa sala de estar luxuosa.

Há muito tempo que o homem ensinara essa técnica a si próprio. Demorara vários anos a dominá-la inteiramente, mas, neste momento, conseguia praticamente esvaziar a mente de todos os pensamentos. Tornava-se fácil abstrair-se dos sons e de tudo o que acontecia à sua volta, mesmo que os seus olhos se conservassem abertos. Era uma espécie de transe meditativo que elevava o seu pensamento a um nível quase irreal e que, acima de tudo, o mantinha mentalmente são. E ele sabia que era exatamente disso que precisava agora.

Desde a noite anterior que os agentes não o importunavam. Porém, o homem sabia que eles iriam voltar. Queriam que falasse, mas ele não sabia o que lhes poderia dizer. Aquilo que conhecia dos procedimentos

policiais permitia-lhe saber que qualquer explicação que lhes desse não era suficiente, mesmo sendo verdadeira. Aos olhos deles, ele já era culpado, independentemente do que dissesse ou não. E ele tinha ainda a noção de que o facto de não estar detido por um departamento normal da polícia ou do xerife, e estar antes sob a alçada do FBI, complicava tudo de forma radical.

O homem sabia que tinha de lhes dar alguma coisa em breve, porque as regras dos interrogatórios estavam prestes a mudar. Ele sentia isso. Sentia-o no tom da voz dos seus dois interrogadores.

A mulher loura e atraente que se apresentava como agente Taylor tinha uma voz suave, cativante e delicada, enquanto o grandalhão com o nariz torto, que se apresentava como agente Newman, se mostrava muito mais agressivo e impaciente. O jogo típico do polícia bom e do polícia mau. No entanto, a frustração dos dois face à absoluta determinação dele em ficar calado começava a manifestar-se. A simpatia e a delicadeza estavam a esgotar-se. Isso fora evidente na última sessão de interrogatório.

E, então ocorrera-lhe aquele pensamento e, com ele, surgira o nome:
Robert Hunter.

DEZ

HUNTER ACABOU POR REGRESSAR ao seu apartamento para fazer as malas, no entanto, o voo em que seguiu umas horas mais tarde não era aquele que ele reservara para o Havai.

Após circular algum tempo na pista, o jato privado *Hawker* recebeu finalmente luz verde da torre de controlo para descolar do aeroporto Van Nuys.

Hunter ia sentado na parte de trás do avião, dando pequenos goles numa grande chávena de café. Na realidade, o trabalho dele não lhe permitia viajar muito e, quando isso acontecia, deslocava-se de carro sempre que possível. Já tinha viajado em aviões comerciais, mas esta era a primeira vez que se encontrava num jato privado, e só podia reconhecer que estava impressionado. O interior da aeronave tinha tanto de luxuoso como de funcional.

A cabina tinha sete metros de comprimento por dois de largura. Estava apetrechada com oito bancos bastante confortáveis em cabedal creme, quatro de cada lado do corredor e dispostos em grupos de dois, frente a frente. Todos os bancos estavam equipados com tomadas de energia e sistemas de comunicação, e podiam executar uma rotação de 360 graus. Lâmpadas de teto *led* de baixo calor dotavam a cabina de uma luminosidade agradável e brilhante.

A agente Taylor sentava-se no banco diretamente oposto a Hunter, digitando qualquer coisa no computador portátil pousado em cima da mesa rebatível em frente. Adrian Kennedy sentava-se à direita de Hunter, do outro lado do corredor. Depois de saírem do gabinete da capitão Blake, ele parecia ter passado todo o tempo a falar ao telemóvel.

O avião descolou suavemente e em breve ascendia a uma altitude de cruzeiro de dez mil metros. Hunter fixava o olhar no céu azul, sem nuvens, do outro lado da janela, envolto numa infinidade de pensamentos.

— Muito bem — disse Kennedy por fim, terminando as suas chamadas e guardando o telemóvel no bolso do casaco. Ele tinha rodado

o banco, ficando de frente para Hunter. — Fale-me de novo sobre este indivíduo, Robert. Quem é ele?

Taylor interrompeu o que teclava no computador e fez girar o seu banco devagar, para falar com ambos.

Hunter manteve o olhar no céu azul por mais um momento.

— Ele é uma das pessoas mais inteligentes que já conheci — acabou por dizer. — Alguém dotado de uma autodisciplina e de um controlo tremendos.

Kennedy e Taylor remeteram-se a um silêncio expectante.

— Chama-se Lucien, Lucien Folter — continuou Hunter. — Ou, pelo menos, este é o nome pelo qual o conheci. O nosso primeiro encontro deu-se quando ingressei na universidade de Stanford. Eu tinha 16 anos na altura.

Hunter crescera como filho único de pais da classe operária, em Compton, um bairro desfavorecido a sul de Los Angeles. Ele tinha apenas 7 anos quando a mãe faleceu, vítima de cancro. O pai nunca chegara a casar outra vez, vendo-se obrigado a arranjar dois empregos para enfrentar a situação difícil de criar um filho sozinho.

Hunter fora sempre um rapaz diferente. Ainda em criança, a mente dele parecia processar os problemas mais depressa do que qualquer outra. A escola aborrecia-o e deixava-o frustrado. Em menos de dois meses, assimilou a matéria do sexto ano, e, apenas para estar ocupado, leu todos os manuais dos restantes anos do ensino básico. Depois de o fazer, perguntou ao diretor da escola se podia fazer os exames dos sétimo e oitavo anos. O diretor acedeu, por pura curiosidade. Hunter obteve a nota máxima em todos eles.

Perante isto, o diretor da escola de Hunter resolveu entrar em contacto com o Conselho de Educação de Los Angeles; na sequência de uma nova série de exames e testes, Hunter conseguiu ingressar na Escola Mirman para Crianças Sobredotadas.

Mas nem mesmo o currículo desta escola especial conseguiu travar o seu progresso.

Aos 14 anos, já absorvera sem dificuldade as matérias de inglês, história, matemática, biologia e química do ensino secundário da escola. Quatro anos de ensino secundário foram condensados em dois e, aos 15 anos, Hunter completou o curso com uma menção honrosa. Com recomendações de todos os seus professores, foi admitido como um aluno em «circunstâncias especiais» na Universidade de Stanford.

Aos 19 anos, Hunter já possuía uma licenciatura em filosofia, obtida com a mais alta distinção, concluindo o doutoramento em Análise de Comportamento Criminal e Biopsicologia aos 23 anos.

— Ele foi seu colega de quarto? — inquiriu Courtney.

Hunter fez um sinal afirmativo.

— Desde o primeiro dia. Quando entrei na universidade, foi-me atribuído um quarto. — Encolheu os ombros. — O Lucien ficou no mesmo quarto.

— Quantos estudantes o partilhavam?

— Éramos apenas os dois. Os quartos eram pequenos.

— Ele também estava a tirar a licenciatura em psicologia?

— Exatamente. — O olhar absorto de Hunter regressou ao céu do outro lado da janela, enquanto a sua memória começava a transportá-lo para um tempo muito anterior. — Ele era um tipo impecável. Nunca esperei que fosse assim tão cordial.

Courtney franziu o sobrolho.

— O que quer dizer?

Hunter voltou a encolher os ombros.

— Eu era bastante mais novo do que todos os outros. Nunca tinha ligado muito ao desporto, nem ia ao ginásio ou praticava sequer qualquer tipo de atividade física. Era bastante magro e desajeitado, usava o cabelo comprido e vestia roupas um bocado diferentes daquilo que se usava na altura. Na verdade, eu era um alvo fácil para os rufias. Naquela altura, o Lucien tinha quase 19 anos e era um desportista fervoroso, praticando exercício físico regularmente. O tipo de pessoa que só veria em alguém como eu um motivo para chacota.

A aparência de Hunter e a sua forma física dificilmente levariam alguém a imaginá-lo como um miúdo magricela e desajustado nos seus tempos de juventude. Todos o veriam como o típico desportista da escola secundária. Talvez até o capitão da equipa de futebol americano ou de luta livre.

— Mas ele não reagiu dessa maneira — prosseguiu Hunter. — De facto, foi devido ao Lucien que não implicaram tanto comigo como seria de se esperar. Acabámos por nos tornar o melhor amigo um do outro. Quando comecei a ir ao ginásio, ele ajudou-me nos treinos, no regime alimentar e em tudo o resto.

— E como era ele no dia a dia?

Hunter percebia que aquilo que Courtney tinha em mente eram os traços de carácter de Folter.

— Não era do género violento, se é isso que quer saber. Foi sempre uma pessoa calma. Sempre controlado. O que era algo positivo, tendo em conta a sua capacidade para lutar.

— Mas acabou de dizer que ele não era do tipo violento — sublinhou Courtney.

— É verdade.

— No entanto, está a insinuar que o viu a lutar.

Um aceno de cabeça pouco incisivo.

— Vi, realmente.

Os olhos da agente Taylor, a par dos seus lábios contraídos, faziam a pergunta em silêncio.

— Há situações a que não se pode fugir, por muito calmo ou tolerante que alguém seja — referiu Hunter.

— Tais como? — insistiu Taylor.

— Só me recordo de ter visto o Lucien a envolver-se numa briga uma vez — contou Hunter. — E ele esforçou-se realmente por resolver a questão sem recorrer à força física, mas não conseguiu evitá-lo.

— O que aconteceu?

Hunter encolheu os ombros.

— Num fim de semana, o Lucien conheceu uma rapariga num bar e passou a noite a conversar com ela. Tanto quanto eu sei, as coisas não passaram dali. Não ouve sexo, beijos, nada de mal, apenas umas bebidas, algum jogo de sedução e um monte de gargalhadas. Na segunda-feira seguinte, depois de termos ficado a estudar até tarde na biblioteca, no caminho de regresso fomos abordados por quatro tipos, todos do tipo calmeirão. Um deles era o ex-namorado da rapariga, e espumava de raiva. Ao que parece, o fim do namoro era recente. Ora, o Lucien foi sempre um bom comunicador. Como se costuma dizer, ele até era capaz de vender gelo a um esquimó... Tentou resolver aquilo a bem, dizendo que lamentava e que não sabia que ela tinha namorado ou que eles tinham acabado de se separar. Garantiu-lhe que, se tivesse sabido, jamais se teria aproximado dela, e por aí adiante. Mas os tipos não queriam saber. Disseram que não vinham à procura de um pedido de desculpa. Eles estavam ali para lhe dar cabo do canastro, e era só isso.

— O que se passou a seguir? — perguntou Taylor.

— Não muito mais. Até então, eu nunca me tinha visto metido numa coisa assim. Eles limitaram-se a cair em cima do Lucien. Quanto a mim, embora eu fosse um magricela, não me ia deixar ficar e ver o meu melhor

amigo a ser espancado por quatro trogloditas, mas mal tive hipótese de me mexer. Aquilo ficou resolvido em dez... em quinze segundos, no máximo. Não saberia contar ao pormenor o que aconteceu, mas o Lucien reagiu depressa... demasiado depressa, na verdade. Num abrir e piscar de olhos, os quatro ficaram estendidos no chão. Dois deles tinham o nariz partido, outro tinha três ou quatro dedos partidos, enquanto o último tinha levado um tremendo pontapé nos genitais. Depois de sairmos dali, perguntei ao Lucien onde tinha aprendido a fazer aquilo.

— E o que respondeu ele?

— Ele deu-me uma resposta da tanga. Disse-me que costumava ver muitos filmes de artes marciais. Uma coisa que eu já sabia em relação ao Lucien era que não valia a pena tentar obrigá-lo a dar uma resposta quando não o queria fazer. Por isso, tive de me contentar com aquilo.

— Disse que ele era um bom comunicador — lembrou-lhe Taylor, com uma leve acrimónia na voz. — Bom, não conversou lá grande coisa nestes últimos dias.

— Quando é que o viu a última vez? — indagou Kennedy.

— No dia em que concluí o doutoramento — respondeu Hunter. — Eu tinha-me licenciado um ano antes dele.

A partir do currículo de Hunter, Taylor sabia que ele tinha completado igualmente os estudos universitários em tempo recorde, condensando quatro anos em três.

— Contudo, permaneci em Stanford — explicou Hunter. — Ganhei uma segunda bolsa de estudos para fazer o doutoramento, e eu aproveitei a oportunidade. O Lucien e eu continuámos a partilhar o mesmo quarto durante um ano, até ele concluir a licenciatura. Depois, ele saiu de Stanford.

— Mantiveram o contacto?

— Sim, mas não por muito tempo — referiu Hunter. — Ele tirou uns meses de férias depois de acabar os estudos. Viajou um pouco e, mais tarde, resolveu voltar à universidade. Ele também queria fazer um doutoramento.

— Ele regressou a Stanford?

— Não. O Lucien foi para Yale.

— Para o Connecticut? — Taylor estava surpreendida. — Isso fica exatamente do outro lado, na costa leste. Porque queria ir ele para tão longe, quando tinha Stanford, Berkeley, a Caltech e a UCLA, aqui mesmo na Califórnia? Quatro das melhores universidades do país.

— Yale também é uma universidade excelente — argumentou Hunter.

— Eu sei que é. Mas com certeza percebe onde quero chegar. O Connecticut fica a uma distância colossal da Califórnia. Depois de viver ali tantos anos, calculo que ele deveria ter uma grande quantidade de amigos e uma vida algo preenchida em L.A. A que se teria devido essa mudança súbita? A família dele é oriunda do Connecticut?

Hunter deteve-se um momento, a tentar lembrar-se.

— Não sei de onde é a família dele — referiu ele. — O Lucien nunca me falou dela.

O olhar de Taylor desviou-se lentamente para Kennedy, e a seguir regressou a Hunter.

— Isso é um bocado estranho, não lhe parece? — inquiriu ela. — Vocês partilharam um quarto durante vários anos. Conforme referiu, os dois tornaram-se o melhor amigo um do outro. Ele nunca lhe contou absolutamente nada sobre a família?

Hunter encolheu os ombros, sem se mostrar impressionado.

— Não, e isso não me parece nada estranho. Eu nunca falei ao Lucien da minha família. Nem a ele, nem a outras pessoas, na verdade. Em relação a isso, há pessoas mais reservadas do que outras.

— Portanto, a última vez que estive com ele foi na altura em que concluiu o seu doutoramento — frisou Kennedy.

Hunter assentiu.

— O Lucien apanhou um avião para vir à cerimónia de doutoramento, ficou durante um dia, e partiu na manhã seguinte. Desde então, nunca mais soube nada dele.

— Ele limitou-se a apanhar o avião para o Connecticut e a desaparecer? — questionou-o Taylor de novo. — Eu pensava que vocês eram grandes amigos.

— Talvez tenha sido eu quem desapareceu.

Taylor hesitou um momento.

— Porquê? Ele tentou entrar em contacto consigo?

— Que eu tenha conhecimento, não — retorquiu Hunter. — Mas eu também não tentei contactar com ele. — Fez uma pausa e desviou o olhar. — Depois de terminar o curso, não mantive contacto com ninguém.

**ELE MATOU SILENCIOSAMENTE DURANTE DÉCADAS,
ATÉ UM SIMPLES ACASO CONDUZIR À SUA CAPTURA.**

Um acidente numa zona rural leva à detenção inesperada de um homem por suspeita de duplo homicídio. Alegando ser vítima de um enorme labirinto de mentiras e enganos, ele só aceita falar com uma pessoa – o inspetor Robert Hunter.

Os interrogatórios começam, sem que alguém imaginasse que deles resultariam as mais surpreendentes e macabras descobertas – o homem detido é um assassino em série que sequestrou, torturou e mutilou impunemente pessoas em todo o país durante, pelo menos, vinte e cinco anos.

MAS A QUALQUER MOMENTO, PODE VOLTAR A MATAR...

Quando o assassino revela que nem todas as suas vítimas morreram, a investigação transforma-se numa autêntica corrida contra o tempo, em que cada minuto poderá ser fatal. E Robert Hunter é o único homem capaz de impedir novas mortes.

«Um assassino em série especialmente sádico, capaz de levar qualquer inspetor ao desespero, numa autêntica batalha do bem contra o mal...
Uma leitura empolgante.»

Kirkus Reviews

DO MESMO AUTOR:



TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20/20 editora	ISBN 978-989-668-698-7 9 789896 686987 Policial
--	---